

COPA CAJUÍNA: JOGOS COMPETITIVOS DE CAPOEIRA COMO ESPAÇO FORMATIVO E DE SALVAGUARDA

José Olímpio Ferreira Neto ¹

RESUMO

Os Jogos Competitivos de Capoeira - JCC têm ganhado projeção local, nacional e internacional nos últimos anos. O Estatuto da Igualdade Racial reconhece nos artigos 20 e 22, respectivamente, sua vertente cultural e esportiva. A Roda de Capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade, respectivamente em 2008 e 2014. É por meio da Roda de Capoeira, que o Mestre de Capoeira promove a manutenção dos valores civilizatórios afro-brasileiros. A Copa Cajuína vai para sua 18ª edição em 2025, surgida no início dos anos 2000, promovendo o encontro de jovens competidores em torno dos JCC, cursos formativos e apresentações. Diante desse contexto, questiona-se o seguinte: Como a Copa Cajuína pode contribuir para a formação do capoeirista e para a salvaguarda da Roda de Capoeira? A pergunta gerou como objetivo geral investigar como o evento Copa Cajuína colabora na formação dos capoeiristas e na salvaguarda da Roda de Capoeira. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa por meio da observação participante como jurado do evento, com atuação em cinco edições. Os dados empíricos colhidos em campo, dialogando com o referencial teórico, possibilitaram encontrar como resultados que a Copa Cajuína fomenta a prática formativa e difusão dos valores civilizatórios afro-brasileiros com estratégias metodológicas e pedagógicas de salvaguarda dos fundamentos da Capoeira. É possível concluir que a Copa Cajuína é um espaço formativo que colabora para a salvaguarda da Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial.

Palavras-chave: Capoeira, Jogos Competitivos de Capoeira, Formação, Salvaguarda, Valores Civilizatórios Afro-brasileiros.

INTRODUÇÃO

A Capoeira, nascida no período da escravidão no Brasil, teve seus bens reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade. Em 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira foram registrados, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, respectivamente, no Livro dos Saberes e no Livro das Formas de Expressão. Em 2014, a Roda de Capoeira foi inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (Ferreira Neto, 2018).

¹ Doutorando do Curso de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Franciscana - UFN, jolimpiofneto@gmail.com.



A Capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira multidimensional, é entendida concomitantemente como dança, luta e jogo. Numa perspectiva política também pode ser multisetorial, alcançando ao mesmo tempo o esporte, a cultura e a educação. Ferreira Neto e Cunha Filho (2013) apontam estruturas normativas que podem fundamentar a presença dessa manifestação cultural brasileira em várias searas. O Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, por exemplo, destaca a Capoeira em dois artigos de seus artigos, 20 e 22, relacionando-a à cultura, esporte e educação (Brasil, 2010).

É por meio da Roda de Capoeira, que o Mestre de Capoeira promove a manutenção dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Entre esses valores, segundo Trindade (2005; 2006), estão oralidade, corporeidade, musicalidade, ancestralidade, axé, memória, ludicidade, circularidade, comunidade e religiosidade. É notório a presença de todos os valores listados pela pesquisadora no universo da Capoeira, favorecendo uma educação antirracista e descolonizadora.

Entre as formas que a Capoeira e seus bens se manifestam, estão os Jogos Competitivos de Capoeira - JCCs, que vêm ganhando destaque em sua história, com projeção local, nacional e internacional. Nesse contexto, a Copa Cajuína, realizada em Teresina-PI, que vai para sua 18ª edição em 2025, surgiu no início dos anos 2000, promovendo o encontro de jovens competidores, assim como veteranos, em torno dos JCC, além de cursos formativos e apresentações. Seguindo nessa esteira, foi elaborado a seguinte questão orientadora: Como a Copa Cajuína pode contribuir para a formação do capoeirista e para a salvaguarda da Roda de Capoeira? A pergunta gerou como objetivo geral investigar como o evento Copa Cajuína colabora na formação dos capoeiristas e na salvaguarda da Roda de Capoeira.

Essa pesquisa tem um fulcro pessoal na minha trajetória no universo da Capoeira, em diálogo com o mundo acadêmico. Desse lugar, percebo uma interlocução possível entre os fluxos de saberes que transitam na Capoeira, bem como os conhecimentos científicos em voga na universidade, numa relação de retroalimentação. Dessa forma, pensar nessa relação destaca a Capoeira e seus fenômenos aderentes como um objeto de pesquisa transdisciplinar. Reflexões dessa natureza colaboram para fomentar uma sociedade antirracista e que se comunica com outras epistemologias silenciadas no processo histórico brasileiro.



METODOLOGIA

Para responder a questão orientadora e o objetivo da pesquisa, foi trilhado um caminho com base em uma abordagem de natureza qualitativa por meio da observação participante. Atuei como jurado da Copa Cajuína em cinco edições, nos anos de 2009, 2012, 2014, 2017 e 2024. No momento da concepção do presente artigo, fui convidado para participar da edição de 2025. É preciso destacar, que a Copa Cajuína é uma continuidade da Copa CEUT². As descrições e reflexões tecidas no texto são frutos do acompanhamento do evento ao longo dos anos, mas buscando dar ênfase nos anos de 2024 e 2025.

Na minha caminhada pelas veredas acadêmicas, tendo a Capoeira como objeto, passei a compreender, a partir do diálogo com outros jogadores-estudiosos³ (Campos, 2001), que uma proposta de pesquisa que tem a Capoeira como base, o pesquisador, o objeto, a abordagem e o método se atravessam. Assim, é possível vislumbrar a Capoeira como uma possibilidade de abordagem por seu caráter complexo, no qual o pesquisador se entrelaça com o objeto, conforme destaco em minha dissertação (Ferreira Neto, 2021). Nessa perspectiva, adiro à proposta de Campos (2022) que apresenta sua obra Metodologia Científica: a arte de pesquisar a Capoeira.

Dessa forma, a imersão etnográfica, nos JCC, em especial a Copa Cajuína, ocorreu por meio da observação participante, com registro de dados empíricos e relatos autobiográficos, aliados à reflexão crítica por meio de referencial teórico que dialoga com a temática, em especial, com relação entre os valores civilizatórios afro-brasileiros, elaborados por Trindade (2005) e nossos estudos sobre a Capoeira como Patrimônio Cultural, em Ferreira Neto (2019) e Ferreira Neto e Cunha Filho (2013).

Segundo Campos (2022), uma pesquisa de natureza qualitativa é aquela que busca analisar e interpretar dados complexos do comportamento humano, tendo a figura do pesquisador como primordial no processo. Em pesquisa etnográfica, ou de inspiração etnográfica, a relação do sujeito com o mundo é indissociável, encaixando-se na perspectiva qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, o foco do estudo é a descrição das

² CEUT é a sigla de Centro de Estudos Universitários de Teresina.

³ Um jogador-estudioso é aquele que, além de se preparar fisicamente para o desenvolvimento do jogo de Capoeira, também colabora com a produção de conteúdo teórico e prático por meio de pesquisas (Campos, 2001).



diversas etnias, com os seus hábitos de vida, cultura, saberes e demais costumes. Para fazer a relação dos JCC com a formação e a salvaguarda, o estudo descritivo foi essencial. Nesse contexto, é certo afirmar que a presente pesquisa se encontra dentro dos preceitos éticos, pois respeita as identidades dos sujeitos envolvidos, sem expô-los de nenhuma forma.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em 2016, iniciei, a partir de uma disciplina no curso de Educação Física, uma reflexão sobre os JCC, nos quais já estava imerso na condição de jurado. Então, comecei a pensar sobre aspectos educacionais que os JCC poderiam oferecer aos capoeiristas. As discussões, ora tecidas, são continuidade da pesquisa de Ferreira Neto e Cortonesi (2016). Em 2024, retomei as reflexões sobre o tema estudando sobre os JCC (Ferreira Neto, 2024a) e sobre o evento VMB (Ferreira Neto, 2024b).

Anterior a esse período de minha trajetória acadêmica, também desenvolvi pesquisa na área jurídica. Destaco, para o diálogo na presente pesquisa, os trabalhos sobre a Capoeira como Patrimônio Cultural em Ferreira Neto e Cunha Filho (2013) e Ferreira Neto (2018), além disso, também elaborei um artigo sobre o fomento aos JCC, a partir com apoio dos setores da cultura e do esporte (Ferreira Neto, 2025). Preciso destacar ainda, na seara educacional, minha pesquisa sobre a Capoeira como espaço de formação em Ferreira Neto (2021).

Trindade (2005; 2006) traz os valores civilizatórios afro-brasileiros para a seara da educação formal, que podem transitar também na não-formal ou informal. A Capoeira, como destaca Silva (2015), transita na educação formal e não formal, segundo o autor, a Capoeira está inserida em espaços formais e não formais, sendo usada como estratégia pedagógica na educação formal ou como atividade não formal dentro da escola. Gohn (2006) faz uma distinção entre os conceitos de Educação formal, informal e não formal:

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via processos de



compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (Gohn, 2006, p. 2-3).

A Capoeira pode ser vista nas três perspectivas indicadas por Gohn (2006). No entanto, no contexto apresentado, há uma tentativa de aproximação da perspectiva da educação não formal, pois se constitui em um aprendizado por meio de ações e espaços coletivos, sejam físicos ou virtuais, no ciberespaço, oriundos de uma comunicação comunitária, com compartilhamento de experiências. Conforme Ferreira Neto (2024b, p. 5), “A Capoeira se encontra no espectro da Educação não formal, pois se assenta numa prática coletiva cotidiana, que se estende pelo mundo, nas vielas, praças públicas, academias, escolas, terreiros etc”. A Capoeira é um espaço não formal de aprendizagem que colabora com a formação de jovens com base nos valores civilizatórios afro-brasileiros..

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados empíricos colhidos em campo, dialogando com o referencial teórico, possibilitaram encontrar como resultados que a Copa Cajuína fomenta a prática formativa e a difusão dos valores civilizatórios afro-brasileiros com estratégias metodológicas e pedagógicas de salvaguarda dos fundamentos da Capoeira. Nessa seção, são apresentados em subseções, são elas: Fragmentos de memórias sobre a Copa Cajuína; Relatos autobiográficos de imersão na Copa Cajuína; e, por fim, Resultados.

Fragmentos de memórias sobre a Copa Cajuína

George Fredson Rocha Serra, reconhecido como Mestre de Capoeira, formado pelo Mestre Tucano, chamado de Touro nas Rodas de Capoeira. É maranhense de São Luís-MA, radicado em Teresina-PI, desde os 12 anos de idade. Conheceu e aprendeu Capoeira, em 1985, iniciando no Colégio João Soares. Ele faz parte da Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (ABADA Capoeira) e hoje é integrante da Associação Raízes do Brasil (Serra, 2025).

Já na segunda metade da década de 1980, envolveu-se com os JCC, participando como atleta. Começou a organizar eventos competitivos em 2001, como a Copa Mafrense, evento que é mais interno, da academia que coordenava. Depois, expandiu para a Copa Zona Norte, abrindo para outros Grupos de Capoeira, tais como Ginga



Piauí, Muzenza e Zumbi (Serra, 2025). Serra (2025) destaca que havia uma boa relação entre os professores desses grupos que propiciavam a realização do evento. Além disso, a Copa Zona Norte, apesar do nome, acabou albergando capoeiristas de outras regiões da cidade.

Nos anos 2000, o Mestre Touro começou a ministrar treinos no Centro Universitário de Teresina (CEUT). Em 2002, dialogando com o hoje, Mestre Boquinha, montaram um regulamento para promover um evento que agregasse os Grupos de Capoeira da cidade. Dessa forma, nasceu as Olimpíadas Piauiense de Capoeira, com três edições do evento. Logo em seguida, em 2003, surge a Copa CEUT, que hoje é chamada de Copa Cajuína. Serra (2025) relata que havia muita resistência, pois era um período em que os grupos não se relacionavam muito bem. Ainda assim, ao contrário do que muitos acreditavam, o Mestre Touro seguiu com o plano, contando com o apoio dos que já participavam dos JCC.

O primeiro evento de maior porte, as Olimpíadas Piauiense de Capoeira, reuniu cerca de 150 atletas, no qual as chaves de competição eram feitas à mão. Diante dessa realidade, o Mestre Boquinha, que já era programador na época, desenvolveu um programa para facilitar a elaboração das chaves e a contagem dos pontos dos competidores. O programa foi testado inicialmente na Copa Mafrense, pois era um evento interno, mais fácil de gerenciar qualquer contratempo. Em seguida, foi introduzido nas Olimpíadas Piauiense de Capoeira e na Copa CEUT, fazendo parte hoje da Copa Cajuína.

Segundo Serra (2025), ele concentrou sua atenção na Copa CEUT, realizando assim um evento de maior porte por ano. Ficando a Copa Mafrense como um evento de menor porte, no qual poderiam ser testadas algumas inovações. Com o passar do tempo, a Copa Mafrense também ganhou visibilidade, aumentando o porte e abrindo para outros grupos, agregando a comunidade da Capoeira, em um evento competitivo, mas que também aproxima os camaradas.

Após três anos de realização da Copa CEUT, além dos JCC, passaram a ser oferecidos cursos de formação para capoeiristas. Os jurados, que eram convidados para as competições, também eram chamados para ministrar minicursos, palestras e oficinas. Além dos capoeiristas, também eram convidados professores da CEUT para ministrar



palestras de ética, fisiologia, primeiros socorros, treinamento, flexibilidade entre outros conteúdos (Serra, 2025).

Em 2014, o CEUT para por alterações institucionais, sendo incorporado à outra Instituição de Ensino Superior (IES). Nesse período, a Copa CEUT passa a se chamar Copa Cajuína, em homenagem à cajuína que é um patrimônio cultural do Piauí (Serra, 2025). Em sua fala, Serra (2025) aponta como relevante, na Copa Cajuína, o seguinte:

[...] a ideia de massificar o campeonato, foi por uma provocação que a imprensa fez para mim, que a gente só fazia batizado e curso, não tinha competição. [...] Fiz com a ideia de [...] dar uma visibilidade para a Capoeira uma abertura junto à sociedade, para que a sociedade pudesse ver a Capoeira de uma forma diferente e ajudar na quebra de preconceito que a gente tinha ainda na época, um pouco forte. E, ao longo do tempo, a gente foi quebrando isso com o ingresso da Capoeira na CEUT [...] ajudou muito.

A narrativa do Me. Touro indica como o espaço acadêmico influenciou a Capoeira a encontrar um lugar de destaque social. O lócus formal se mostra como propício para o desenvolvimento da Capoeira.

Através da Copa CEUT, a gente conseguiu fortalecer mais os laços com os capoeiristas da região Nordeste, principalmente, o Ceará, Maranhão, Piauí e Pernambuco. [...] teve muitos mestres e professores dessa região por aqui, participando, como convidados, ministrando cursos. Isso fez com que ecoasse esse sistema que a gente utiliza da Copa CEUT/Cajuína para vários lugares. [Isso] fez com que tivesse uma atenção cada vez mais para o Piauí. A gente sempre foi tido como celeiro de bons capoeiristas. Grupos que vinham aqui, vinham com o pé no chão, sabendo que iriam encontrar uma boa Capoeira. Então, ficou dinâmico, essa questão do conhecimento, da troca de informação. Não foi só aquela coisa de trazer gente do Sul para ministrar aula. Então, a gente fortaleceu esses laços, de trazer gente de lá, mas trazer gente daqui para lá também, ficou uma via de mão dupla. Hoje, a gente trabalha com um quadro de jurados não só da região, mas de todo o país. Isso faz com que fortaleça mais, traz essa amizade, traz esse leque de conhecimento.

É possível destacar que a Copa Cajuína estimula o contato entre capoeiristas de vários lugares, proporcionando uma relação intercultural e interracial. Essa característica desenvolve o valor civilizatório comunidade.

Relatos autobiográficos de imersão na Copa Cajuína

Nessa subseção, passo a utilizar a primeira pessoa, pois trago um pouco do relato autobiográfico realizado ao longo desses anos participando de JCC em Teresina-PI. Como já mencionei, atuei como jurado da Copa CEUT/Cajuína em cinco edições, nos



anos de 2009, 2012, 2014, ainda os JCC ainda recebiam o nome de Copa CEUT, Já quando eu participei em 2017 e 2024, já havia se tornado Copa Cajuína. Neste ano, no momento da concepção do presente artigo, fui convidado para participar da 18ª edição de 2025.

Em 2008, conheci o Mestre Touro em Fortaleza, pois ele veio visitar o Grupo Negaça Capoeira, do qual eu fazia parte. Ele veio com uma comissão de competidores, que haviam ganhado a viagem como premiação de um evento de JCC. Naquele ano, tive a oportunidade de dialogar com ele e ser convidado para participar como palestrante e como jurado da Copa VII CEUT, a qual participei com muito prazer.

O evento me trouxe à memória da escola, na qual os jovens, crianças e adolescentes, ficavam nas arquibancadas torcendo para as suas respectivas turmas. Mesmo numa competição, havia um sentimento de confraternização de estar ali com colegas, fazer amizades e escapar um pouco da rotina escolar. No caso do cenário dos JCC, escapar da rotina laboral e aproximar dos camaradas com um maior tempo. A Roda de Capoeira, bem como outras atividades, também são controladas pelo tempo, contrariando sua essência rebelde, na qual não tem hora para iniciar e nem para terminar.

Tive ainda a oportunidade de retornar mais duas vezes, com camaradas do meu estado. O Mestre Cruel e o Mestre Peninha, com os quais desenvolvi uma ação chamada Roda Cultural, promovendo atividades voluntárias de divulgação da Capoeira. É possível destacar que esses momentos de interação não favorecem ao desenvolvimento apenas dos mais jovens, os capoeiristas mais velhos também passam a se conectar para que o evento tenha êxito. Novamente, aparece o valor comunidade como fundamento das relações tecidas nos eventos de JCC.

Em outras edições do evento pude conhecer e rever outros amigos, seja do Ceará ou de outros estados, tais como o Mestre Grandão. o Mestre. Dingo, Mestre Tucano, Mestre Ethiene entre outros. Em 2024, cruzei com a Contramestre Bailarina, campeã do VMB, além do Mestre Savério, um dos idealizadores do VMB e o Mestre Ethiene.

As competições acontecem nas rodas, as quais têm suas regras e não destoam do cotidiano de outras rodas de Capoeira. Em cada rodada, os capoeiristas, sorteados em duplas, expõem o jogo com base nos fundamentos pertinentes a cada toque. Os jogadores são avaliados com base em critérios que, segundo o regulamento da XVIII



Copa Cajuína de Capoeira, são os seguintes: fundamentos técnicos do jogo, ritmo de jogo, objetividade, criatividade e jogo de dupla. Esses critérios precisam ser atendidos dentro dos seguintes tipos de jogos, são eles: Angola, Benguela, São Bento Grande de Angola, São Bento Grande da Regional, Iúna (COPA CAJUÍNA DE CAPOEIRA, 2025). Para isso, a roda se desenvolve com musicalidade, os jogos são regidos por toques e cantigas, a orquestra é coordenada por mestres.

Os jogadores jogam em dupla, na perspectiva da cooperação e não contra o outro. Essa característica reforça a ideia de um trabalho cooperativo, no intuito de compreender que todos fazem parte de uma mesma comunidade. Para avaliar os jogadores, há um corpo de arbitragem composto da seguinte forma: um árbitro de jogo, dois árbitros individuais, um árbitro central e um árbitro de tempo. Os árbitros individuais julgam, cada um, um dos jogadores. O árbitro central conduz para que os jogos ocorram bem, sem condutas antidesportivas. O árbitro de jogo a interação entre os dois jogadores. O árbitro de tempo se encarrega apenas do controle do tempo (COPA CAJUÍNA DE CAPOEIRA, 2025).

Resultados

Sobre o VMB, um modelo de JCC, afirmei que se tratava de um espaço de formação, por meio de uma aprendizagem da educação não formal, que usa além da roda de Capoeira, o ciberespaço como *locus* para o fluxo de saberes permeado de valores civilizatórios afro-brasileiros (Ferreira Neto, 2024b). Penso que a Copa Cajuína percorre a mesma esteira, embora seja um movimento mais local, ou regionalizado, também tem um alcance nacional pelas redes de capoeiristas que se ampliaram como o ciberespaço. No entanto, sem tirar os méritos da inovação do VMB e a expressão midiática que ganhou, o tom local dando à Copa Cajuína torna o evento mais ligado aos valores civilizatórios afro-brasileiros, tão caros aos valores e saberes que têm fluxo por meio da Roda de Capoeira.

De um ponto de vista qualitativo, a Copa Cajuína mantém uma relação próxima com os valores civilizatórios afro-brasileiros, isso ocorre, provavelmente, pela proximidade das relações pessoais. Como em sua maioria, são participantes locais, já há uma proximidade geográfica, muitos dos competidores se encontram nas Rodas de Capoeira que ocorrem na cidade, seja em academias, escolas ou mesmo em praças, na rua.



É notório, a partir dos relatos autobiográficos, perceber que os valores civilizatórios afro-brasileiros se enlaçam com o ritual dos JCC, pois são os mesmos de qualquer Roda de Capoeira, seja nas ruas, nas escolas ou em outro lugar.. Evidente, que há algumas adaptações e limitações, assim como há quando a Capoeira é apresentada em palcos, por exemplo, pois ela não ocorre em toda sua espontaneidade.

Segundo Trindade (2005; 2006) os valores civilizatórios afro-brasileiros são oralidade, corporeidade, musicalidade, ancestralidade, axé, memória, ludicidade, circularidade, comunidade e religiosidade. A oralidade é expressa por meio das cantigas, a corporeidade diálogo corporal do jogo de Capoeira, a musicalidade por meio dos instrumentos e as cantigas ditam o ritmo do jogo, a ancestralidade atravessa todos esses valores, realiza um link entre o presente e o passado, revisitando memórias. A ludicidade também está presente nas cantigas, bem como nas gestualidades durante o jogo. Tudo isso ocorre em um movimento de circularidade, em coletivo, não se joga Capoeira sozinho, além do parceiro de jogo, precisa dos outros integrantes da roda de Capoeira. E a religiosidade está na transcendentalidade da manifestação cultural, pois constantemente evoca os mestres do passado para estarem presentes, numa perspectiva metafísica que atravessa o tempo e o espaço.

Estando o ritual alinhado com os valores civilizatórios afro-brasileiros, é possível compreender que os JCC se constituem em um locus de salvaguarda, pois reforça as africanidades e uma perspectiva antirracista. Além do ritual, o regulamento, mesmo sendo um documento que estabelece limites, foi construído em sintonia com a forma de expressão que a Capoeira assume.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se desenvolveu baseada numa abordagem qualitativa, pois a Capoeira é entendida como uma manifestação da subjetividade do espírito humano, forjada com a população negra no Brasil, no período escravocrata.

Ao final do trabalho, foi possível considerar que a Copa Cajuína é um espaço formativo que colabora para a salvaguarda da Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial, bem como difunde entre os praticantes os valores civilizatórios



afro-brasileiros. Por fim, espera-se que essa contribuição possa despertar nos pesquisadores e trabalhadores da Capoeira um universo a ser explorado.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais aos organizadores da Copa Cajuína, na figura do Prof. George Fredson Rocha Serra, conhecido nas Rodas de Capoeira como Mestre Touro, seu idealizador.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Estatuto da Igualdade Racial**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de julho de 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 11 jul. 2025.

CAMPOS, H.. **Metodologia Científica**: a arte de pesquisar a capoeira. Salvador: UFBA, 2022. 208p.

CAMPOS, H.. **Capoeira na Universidade**: uma trajetória de resistência. Salvador: EDUFBA, 2001. 184p.

COPA CAJUÍNA DE CAPOEIRA. **Regulamento**: XVIII Copa Cajuína de Capoeira. Teresina, 2025

NETO FERREIRA, J. O.. Possibilidade de Fomento para Jogos Competitivos de Capoeira. In: CUNHA FILHO, F. H.; RAMOS, J. L. B.; MAGALHÃES, A. C. M. (Orgs.). XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS - XIII EIDC: O ecossistema de promoção e proteção do patrimônio cultural. Fortaleza, 2025. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/xiii-encontro-internacional-de-direitos-culturais-xiii-eidc/trabalho/387843>>. Acesso em: 17 jul. 2025.

NETO FERREIRA, J. O.. Jogos competitivos de capoeira: uma estratégia pedagógica. In: CASTRO, P. A. de; ZACHOW, L. L. (Orgs.). **CONEDU - Ensino e suas intersecções (Vol.3)**... Campina Grande: Realize Editora, 2024a. p. 27-47. Ebook - DOI: 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.000. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2024/GT17/24012025163912-CO-NEDU---ENSINO-E-SUAS-INTERSECCOES--VOL-3-.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FERREIRA NETO, J. O.. Volta do Mundo Bambas: Jogos Competitivos de Capoeira como Proposta de Formação. **Anais do X CONEDU**. 2024b. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/114441>>. Acesso em: 17 jul. 2025.



FERREIRA NETO, J. O.. **Formação de professores/mestres de capoeira**: o projeto de extensão "debate com ginga" como atividade educativa emancipadora. 2021. 283 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Formação Docente) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/ Campus Maranguape, Maranguape, 2021. Disponível em: <biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_sophia=105403>. Acesso em: 11 Jul. 2025.

FERREIRA NETO, J. O.. **O Princípio Jurídico-Político da Participação Popular no Reconhecimento da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade**. 2018. 69 f. Monografia (Graduação em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade de Fortaleza. Fortaleza, 2018.

FERREIRA NETO, J. O.; CORTONESI, L. M.. Jogos competitivos na capoeira. **Revista Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2016. (Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47952>>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FERREIRA NETO, J. O.; CUNHA FILHO, F. H.. Capoeira, Patrimônio Cultural Imaterial: Críticas e Reflexões. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 6–21, 2013. DOI: 10.9771/1983-3717pcr.v6i1.6986. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/6986>. Acesso em: 17 jul. 2025.

GOHN, M. da G.. Educação não formal na pedagogia social. 1º CONGRESSO. INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL. *Anais...* Mar. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034>. Acesso em: 31 ago. 2024.

LÉVY, P.. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 2011. 160p.

LÉVY, P.. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010. 272p.

SERRA, G. F. R.. **Fragments de memórias sobre a Copa Cajuína**, 2025.

SILVA, R. C. da. Educação, Cultura e Escola: A escola de capoeira e as interlocuções possíveis entre o formal e o não formal. In: SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, J. da C. B. de (orgs.). **Cultura, Sociedade e Educação Brasileira**: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2015.

TRINDADE, A. L.. Valores e Referências Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). **A Cor da Cultura**: Caderno de atividades, Saberes e Fazeres. Volume 3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/06/Caderno3_ModosDeInteragir.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TRINDADE, A. L. da.. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: **Valores afro-brasileiros na educação**. Boletim 22. Minas Gerais: Teia UFMG, 2005.

